



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 9 - Museu, Patrimônio e Informação

**AS PUBLICAÇÕES NO ESTABELECIMENTO DA MUSEOLOGIA CIENTÍFICA: A CONQUISTA DE
UMA LEGITIMIDADE EPISTEMOLÓGICA**

***THE PUBLICATIONS IN THE ESTABLISHMENT OF SCIENTIFIC MUSEOLOGY: THE CONQUEST
OF AN EPISTEMOLOGIC LEGITIMACY***

Alisson André Jesus de Almeida – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Ana Carolina Gelmini de Faria – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O debate sobre a condição científica da Museologia ganhou força nos anos 1980, principalmente através das publicações do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), que integrou o Conselho Internacional de Museus (ICOM) a partir de 1977. Para compreender a intensificação do debate sobre o status científico da Museologia durante os anos 1980, este trabalho aborda como se construiu o conceito moderno de ciência entre os séculos XVI e XVII, durante o processo histórico chamado de Revolução Científica, e como o modelo das ciências naturais se tornou paradigmático para toda forma de conhecimento que se pretendesse científica. Procura situar o surgimento das ciências humanas em sua fase moderna, já no século XIX, e como a sociologia positivista pretendia estender às ciências sociais o mesmo grau de cientificidade das ciências naturais. Chegando ao século XX, investiga por meio de revisão de literatura a emergência da Museologia como uma ciência, tendo por estudos de caso as publicações *Museological Working Papers* (MuWoP), Icofom Study Series (ISS) e *Museological News*, publicadas pelo Comitê Internacional para a Museologia na década de 1980. Conclui que essas três publicações desempenharam um importante papel no estabelecimento da Museologia como uma disciplina científica.

Palavras-chave: publicações científicas; Museologia; Conselho Internacional de Museus.

Abstract: The debate on the scientific status of Museology gained strength in the 1980s, mainly through publications by the International Committee for Museology (ICOFOM), which was part of the International Council of Museums (ICOM) from 1977. To understand the intensification of the debate on the scientific status of Museology during the 1980s, this article addresses how the modern concept of science was constructed between the 16th and 17th centuries, during the historical process called the Scientific Revolution, and how the model of natural sciences became paradigmatic for every form of knowledge that was intended to be scientific. It seeks to situate the emergence of the human sciences in their modern phase, already in the 19th century, and how positivist sociology intended to extend the same degree of scientificity as the natural sciences to the social sciences. Reaching the 20th century, it investigates the emergence of Museology as a science through a literature review, taking

as case studies the publications *Museological Working Papers (MuWoP)*, *Icofom Study Series (ISS)* and *Museological News*, published by the International Committee for Museology in the 1980s. It concludes that these three publications played an important role in establishing Museology as a scientific discipline.

Keywords: scientific publications; Museology; International Council of Museums.

1 INTRODUÇÃO

“Ciência” é uma palavra de origem latina que significa “conhecimento”. O esforço humano de obtenção de conhecimento é uma tentativa de compreender os fenômenos e as estruturas do mundo em que vivemos. Entre as várias formas de obtenção de conhecimento que a humanidade desenvolveu ao longo de sua história, um método específico praticamente monopolizou a legitimidade do que poderia ser considerado como o único meio epistemológico válido desde o século XVI: o método científico surgido durante a Revolução Científica na modernidade ocidental. Desde então e até hoje, os conhecimentos produzidos através do método científico costumam ser considerados os que teriam a capacidade de estabelecer alguma verdade objetiva sobre os fenômenos observados.

No entanto, é próprio do conhecimento científico deixar sempre em aberto a possibilidade de que novas informações, processos ou métodos venham a mudar a forma como entendemos ou pensamos sobre algum fenômeno natural ou social. Sendo assim, as ideias sobre a Museologia, que se afirmou como disciplina científica apenas na segunda metade do século XX, têm estado em constante dinâmica desde as suas origens. Das coleções privadas aos museus públicos, do museu tradicional ao ecomuseu e os museus comunitários, profissionais de museus têm debatido e produzido conhecimento sobre o que eles pensam que seja a Museologia ou sobre como ela idealmente deveria ser. Ou seja, apesar de ser uma disciplina de constituição relativamente recente, a Museologia há décadas conta com uma crescente produção científica de caráter tanto descritivo quanto normativo.

Talvez seja possível praticar a Museologia sem conhecer profundamente a sua estrutura científica, mas, se nos aprofundarmos em sua epistemologia, estaremos melhor preparados para enfrentar os desafios teórico-metodológicos que se colocam diante da prática através de novos problemas, demandas e potenciais criados por uma sociedade cujas mudanças apresentam-se cada vez mais aceleradas. Nesse sentido, pesquisar sobre sua dimensão teórica é fundamental para compreender e desenvolver não apenas a própria

teoria, em seus múltiplos aspectos, mas também para fortalecer a prática museológica cotidiana que a teoria orienta.

Sendo assim, o estudo apresentado se baseia numa pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS) pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autoria. Buscando compreender quando, onde e através de quais meios a Museologia se legitimou como um ramo do conhecimento científico ocidental, e como os agentes do campo museológico se apropriaram desse conhecimento, apresentaremos indícios da organização do Comitê Internacional para a Museologia do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM/ICOM), cenário de formulações e trocas científicas, por meio de revisão bibliográfica com foco em três publicações seriadas que foram realizadas pelo ICOFOM durante a década de 1980. Essas publicações podem ser hoje interpretadas como documentos históricos que permitem identificar os meios e as relações que foram necessárias para legitimar a Museologia na condição de uma disciplina científica reconhecida.

2 A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA E O MODELO DE CIENTIFICIDADE DO MUNDO MODERNO

A prática científica pré-moderna, entendida como um conceito amplo que compreende toda busca da humanidade pelo conhecimento acerca do mundo e do ser humano, já estava presente nas sociedades pelo menos desde a Antiguidade. Ainda na Grécia Antiga, Arquimedes praticava matemática, geometria, física e astronomia, tendo ficado célebre, entre outras coisas, por ter desenvolvido um método para calcular o volume de objetos com formas irregulares (Mohnsam, 2014). Não realizaremos aqui uma breve história da ciência, mas cumpre apenas ter em mente sua presença constante sob diversas formas desde a Antiguidade até a contemporaneidade em um caminho repleto de continuidades e rupturas.

Mesmo antes da Revolução Científica do século XVI já havia disciplinas estabelecidas, como a Matemática, Geometria, Astronomia, Ótica, Mecânica, além de outras fundadas na Medicina, como a Anatomia, Fisiologia e Farmacologia (Bynum, 2018). Logo, a contribuição da Revolução Científica não foi a invenção de uma prática científica onde antes nada havia, mas o desenvolvimento de um modo específico de realizar a busca pelo conhecimento,

distanciando-se da chamada “filosofia natural” que prevalecia até então, e estabelecendo a chamada ciência moderna.

Embora o termo “revolução”, em História, indique uma mudança súbita e radical, a Revolução Científica se mostrou mais como um processo gradual que tomou forma em um período de aproximadamente um século, entre as “Revoluções das esferas celestes” de Nicolau Copérnico, em 1543, e os “Princípios matemáticos da filosofia natural” de Isaac Newton em 1687, apenas para indicarmos duas obras balizadoras, mas que não necessariamente indicam precisamente o início ou o fim dessa revolução. John Henry (1998) expande o processo histórico da Revolução Científica em três séculos, ao afirmar que a montagem da Revolução Científica se deu no século XVI, o foco principal no XVII e a consolidação no século XVIII.

Durante esse período foi gestada uma nova concepção de ciência: objetiva, metódica, racional e quantificadora. Um elemento importante da Revolução Científica foi a matematização da natureza, ou seja, a mensuração precisa dos fenômenos naturais em sua variabilidade dinâmica, como a velocidade, o peso ou a temperatura. Esses conhecimentos tiveram aplicações práticas que geraram um otimismo em relação à essa nova forma de fazer ciência, que convergiram na definição de Descartes da *res cogitan*, fundamentando o discurso do Método:

‘Se ainda não se encontrava o conhecimento verdadeiro é porque não se estava usando a razão corretamente’. Descartes faz uma operação incomum até então, ao empregar a razão para refletir sobre a própria razão de modo a se poder descobrir qual sua natureza e seu alcance; assim, seria possível encontrar a melhor maneira de empregá-la. Se até aquele momento se buscara um fundamento seguro para o conhecimento na ‘realidade fora de nós’ (Platão o teria ‘encontrado’ no Mundo das Ideias; Aristóteles, na Substância; Tomás de Aquino, no Ser, entre tantos outros exemplos), Descartes teria inaugurado uma nova fase na história do pensamento em que a base do edifício do conhecimento deveria ser descoberta nos próprios homens, mais precisamente na razão (Mendonça; Camargo Jr., 2016, p. 3).

Com Descartes se convencionou um novo paradigma científico, através de um método que visava conduzir o intelecto para a conquista de certezas inquestionáveis. No entanto, como poderiam as ciências humanas seguir o método cartesiano? Poderiam o ser humano e as sociedades serem tratados como objetos científicos em um laboratório onde se pudesse testar hipóteses comprováveis e replicáveis com o fim de obter leis sociológicas gerais? Foi nesse desafio que o positivismo científico se lançou.

3 O POSITIVISMO E A CIENTIFICIDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Um conhecimento científico sobre o ser humano em seu âmbito social, não contemplado pelas ciências da natureza, apenas se apresentou na forma das ciências humanas modernas a partir do século XIX. Esse movimento ocorreu em grande parte devido ao positivismo de Auguste Comte, que tentou, de certa forma, aplicar a objetividade científica às ciências humanas, gerando uma Sociologia que, assim como a Física, teria suas próprias leis verificáveis. O positivismo abandonou a busca da explicação das causas, projetando mais ênfase no “como” do que no “porquê”. Para os positivistas, as ciências sociais deveriam operar sob a mesma base metodológica das ciências naturais, como afirma Kolakowski:

Dentre as ideias maiores da filosofia positivista, enumeraremos, em quarto lugar, a *fé na unidade fundamental do método da ciência* [...] se trata da certeza de que os modos de aquisição de um saber válido são fundamentalmente os mesmos em todos os campos da experiência [...] (Kolakowski *apud* Sieczkowski, 1996, p. 63, grifo nosso).

Esse método científico universalmente válido estaria amparado na atitude imparcial do pesquisador diante dos objetos estudados, a ausência de interesses outros que a busca da verdade, a utilização de linguagem unívoca e enunciativa (não expressiva ou imperativa), a preferência por aspectos quantitativos dos fenômenos pesquisados, e o proceder metódico (Cupani, 1990). Dessa forma, os resultados das investigações científicas teriam um caráter objetivo precisamente porque não teriam sido influenciados pela subjetividade do pesquisador. Os resultados obtidos com esse método seriam, portanto, constatação do real, dados puros, indicadores de fatos, e isentos de deformação por interpretação pessoal.

No entanto, ainda segundo Alberto Cupani (1990), os epistemólogos há tempos têm mostrado que é ilusório conceber a Ciência como uma investigação que se serve de dados puramente objetivos e não interpretados, uma vez que esses dados são elaborados por pessoas específicas, para corresponder a questões, hipóteses e teorias que se vinculam a um meio social determinado. Os dados seriam, portanto, não uma tradução pura da realidade, mas uma certa interpretação da realidade investigada.

Sendo assim, o modelo científico positivista, ao lidar com a instabilidade e diversidade das dimensões propriamente humanas da existência, não foi capaz de gerar os mesmos resultados precisos, repetíveis e comprováveis com os quais as ciências exatas, ou seja, ciências de base matemática, impressionaram o mundo. Se o método positivista nas ciências

humanas não obteve os mesmos resultados das ciências naturais, talvez isso tenha se devido ao fato de seu objeto de estudo ser profundamente diferente. Afinal, os complexos e imprevisíveis seres humanos e suas sociedades não podem ser forçados a se comportar como se estivessem em um tubo de ensaio que pode ter suas condições rigorosamente controladas em um ambiente de laboratório para fins de obtenção de um conhecimento exato da realidade, o que acabou por gerar uma tensão entre o conhecimento humanístico e o método científico.

4 A EMERGÊNCIA DA IDEIA DE MUSEOLOGIA COMO UMA CIÊNCIA

Para os fins deste trabalho pareceu necessário, mesmo que de forma breve, discorrer sobre a origem do paradigma científico moderno, bem como o modelo positivista aplicado às ciências humanas e a sua posterior crise, para que pudéssemos ter uma visão, ainda que focada apenas nos aspectos mais essenciais para nossa compreensão, sobre o terreno epistemológico no qual a ideia de Museologia como uma ciência independente começou a ganhar força na segunda metade do século XX.

A construção de um campo científico não pode se basear simplesmente no interesse que o assunto desperta e nem mesmo em sua relevância, pois por mais interessante que possa ser um determinado aspecto do mundo, uma ciência só poderá investigá-lo se o objeto for definido com clareza e se for elaborada uma teoria e uma metodologia que possam atender às exigências epistemológicas do objeto em questão. Além disso, no contexto da ciência moderna, o estabelecimento de uma nova ciência propõe uma demanda à sociedade, uma vez que esta deverá destinar recursos àquele empreendimento intelectual, enquanto que os próprios cientistas deverão, em troca, dedicar seu tempo e energia no estudo e desenvolvimento daquela área, preferencialmente fazendo com que os conhecimentos por eles produzidos possam prover alguma retribuição à sociedade.

Assim, durante todo o processo de estabelecimento e posterior prática de uma disciplina científica houve sempre uma relação de influência dinâmica entre o subcampo científico específico, o campo científico geral e o macrocampo social (Bourdieu, 2004). O conceito de “campo”, tal como proposto por Pierre Bourdieu, permite que a análise sociológica da ciência escape da perspectiva dicotômica que concebe a ciência como internamente autodeterminada sem influências externas, ou então, por outro lado, como um

mero efeito secundário de fenômenos infraestruturais determinantes que não deixariam margem para qualquer autonomia científica. O conceito de campo, por sua vez, se situaria entre esses dois polos, de modo que ele seria o “[...] universo intermediário [...] no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura e a ciência” (Bourdieu, 2004, p. 20). Portanto, ao se situar entre as noções extremas de completa autonomia interna e de total dependência externa, o conceito de campo permite entender a ciência como dotada de uma autonomia relativa, com suas leis internas e sua própria economia cuja moeda circulante é o capital científico, forma específica de capital simbólico. Bourdieu (2003, p. 86) define: “[...] um campo é um universo em que as características dos produtores são definidas pela sua posição em relações de produção, pelo lugar que ocupam num certo espaço de relações objetivas”.

Nesse sentido, a construção de uma nova disciplina científica depende de um suficiente investimento de capital científico por parte de agentes que tenham o poder de exercer influência sobre o campo. Em relação à ciência museológica, uma das iniciativas pioneiras com esse objetivo teve lugar na antiga Checoslováquia, quando em 1962 foi criada uma cadeira de Museologia na Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně, na cidade de Brno. Uma figura central nesse processo foi Zbyněk Zbyslav Stránský, que em 1965 preparou um programa de estudos para o curso de pós-graduação em Museologia daquela Universidade. Ainda em 1965 Stránský já demonstrava preocupação com o objeto da Museologia, sua teoria, metateoria e metodologia através de uma base filosófica (Stránský, 1965). Para ele, esse era um “assunto muito sério”, considerando que para procurar o objeto da Museologia seria necessário:

[...] conduzir uma racionalização gnoseológica completa do direito à existência desta disciplina científica. Isso tudo sem olhar para os outros fatores de natureza científica, como, por exemplo, a questão de método e todo o sistema desta disciplina (Stránský, 1965, p. 33).

Embora ainda não pudesse oferecer uma resposta para todos esses problemas, Stránský (1965) já propunha os termos nos quais o debate sobre o caráter científico da Museologia deveria ser realizado. O museólogo checo não deve ter sido o primeiro a afirmar que a Museologia era uma disciplina científica, uma vez que ele próprio escreveu que havia encontrado outros autores que já haviam formulado explicitamente essa ideia, no entanto, nenhum deles havia reunido argumentos justificando sua opinião (Stránský, 1965). Para

Stránský não era suficiente apenas afirmar que a Museologia era científica, era necessário também provar essa afirmação, pois se a Museologia era uma ciência, tornava-se então necessário que ela tivesse um objeto, um método e um sistema, todos definidos de forma clara.

Afirmar que Stránský – dito o “pai” da Museologia – fundou essa disciplina como a conhecemos no século XXI pode não ser um exagero se considerarmos qual foi a principal motivação para o desenvolvimento de suas ideias: criar um corpus de conhecimento específico para ser sistematicamente ensinado a profissionais de museus em formação. Seu projeto, iniciado em Brno, ganharia seguidores em virtualmente todas as partes do mundo, com a sua International Summer School of Museology – ISSOM (1986-1999) e com o Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, criado em 1977 (Brulon, 2017, p. 405).

Portanto, foi para debater esses problemas fundamentais da Museologia que em 1977 foi criado o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), dentro da estrutura do Conselho Internacional de Museus (ICOM). O ICOFOM foi concebido para servir como uma plataforma de debate internacional entre profissionais de museu sobre teoria museológica e os aspectos científicos da Museologia.

[...] um grupo de profissionais – Jan Jelínek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, Vinos Sofka entre outros – percebendo o potencial da Museologia para articular-se como campo do conhecimento, julgaram necessário estabelecer um comitê dedicado essencialmente à Museologia. Um dos primeiros objetivos foi o de identificar o objeto de estudo desta disciplina, considerada por estes especialistas como uma área específica do conhecimento (Scheiner, 2000 *apud* Carvalho, 2017, p. 67).

Nesse sentido, esse Comitê teve um papel fundamental no processo de construção da Museologia como uma ciência. Para fazer avançar esse debate, na década de 1980 o ICOFOM realizou três publicações seriadas: *Museological Working Papers* (MuWoP), *Icofom Study Series* (ISS) e *Museological News*.

5 AS TRÊS PUBLICAÇÕES DO ICOFOM NA DÉCADA DE 1980

Ao examinar as publicações produzidas pelo ICOFOM durante a década de 1980, consideramos que elas não foram concebidas isoladamente, mas formavam uma estrutura que deveria servir aos propósitos do Comitê em relação ao desenvolvimento da Museologia. Essa estrutura era formada por três publicações: *Museological Working Papers* (MuWoP), *ICOFOM Study Series* (ISS), e *Museological News*. À cada uma dessas publicações, que

consideramos como periódicos científicos, cabia uma função específica que, a princípio, não deveria se sobrepor à função das outras, mas complementá-las. Em *Museological News* eram inicialmente publicadas informações pragmáticas e administrativas para os membros do ICOFOM, a ISS trazia os textos relacionados aos simpósios temáticos anuais organizados pelo Comitê, e à revista MuWoP eram reservadas as discussões terminológicas, metodológicas e teóricas da Museologia.

Para auxiliar nossa compreensão da função exercida por essas publicações, utilizaremos o conceito de espiral da cultura científica (Vogt, 2003). Essa espiral divide o processo de produção e divulgação da ciência em quatro quadrantes. O primeiro quadrante dedica-se à produção e difusão da ciência entre pares, o segundo consiste no ensino da ciência e a formação de cientistas, o terceiro seria o ensino para a ciência, e a última fase seria a divulgação da ciência. Vogt identifica os principais agentes que atuam em cada uma das fases desse processo:

Assim no primeiro quadrante, teríamos como destinadores e destinatários da ciência os próprios cientistas; no segundo, como destinadores, cientistas e professores, e como destinatários, os estudantes; no terceiro, cientistas, professores, diretores de museus, animadores culturais da ciência seriam os destinadores, sendo destinatários, os estudantes e, mais amplamente, o público jovem; no quarto quadrante, jornalistas e cientistas seriam os destinadores e os destinatários seriam constituídos pela sociedade em geral e, de modo mais específico, pela sociedade organizada em suas diferentes instituições, inclusive, e principalmente, as da sociedade civil, o que tornaria o cidadão o destinatário principal dessa interlocução da cultura científica (Vogt, 2003, p. 6).

Sendo assim, as revistas científicas que são produzidas por cientistas e destinadas a um público também de cientistas, como as referidas publicações do ICOFOM, se encontram no primeiro quadrante. Isso quer dizer que tais publicações se enquadram na primeira fase da espiral, na qual ocorre a produção e a difusão da ciência. Ao final de uma circulação completa da espiral por todos os quadrantes, ela não volta exatamente ao ponto de partida, pois, apesar de retornar ao primeiro quadrante, ela o encontra em um ponto mais alargado do conhecimento, de modo que, a cada nova circulação, os conhecimentos previamente adquiridos podem ser enriquecidos por novas descobertas. Trata-se, portanto, de um processo de retroalimentação da cultura científica.

Nas três próximas subseções, apresentaremos cada uma dessas publicações, buscando identificar as principais características que definiam a função que elas exerciam na estrutura

de publicações do ICOFOM e o modo como cada uma delas contribuiu para o desenvolvimento da Museologia científica.

5.1 *Museological Working Papers* (MuWoP)

A publicação denominada *Museological Working Papers* (MuWoP) foi não somente o primeiro periódico do ICOFOM, mas a “[...] primeira revista do mundo dedicada às discussões teóricas constitutivas do campo” (Carvalho, 2008, p. 24). Apesar de que grandes esperanças foram colocadas em MuWoP pelo coordenador do projeto e editor, Vinos Sofka, a revista teve apenas dois números impressos, o primeiro em 1980 e o segundo em 1981. No editorial do primeiro número, o editor Vinos Sofka expôs os cinco objetivos que a publicação teria:

Ser um fórum aberto para discussão permanente de problemas museológicos fundamentais; realizar essa discussão na forma de blocos tematicamente autocontidos de acordo com um programa definido que possa ser alterado prontamente em resposta às mais prementes demandas da comunidade; com base nas contribuições recebidas de autores selecionados que devem, se possível, contemplar todos os continentes e representar uma variedade de pontos de vista, desenvolver um amplo intercâmbio de ideias combinado com acompanhamento empírico e avaliação compreensiva; publicar pelo menos um volume anualmente; empregar métodos de distribuição facilitando a participação ativa do maior número de associados dentro das profissões de museu, instituições relacionadas, em diferentes ramos da ciência, em universidades e bibliotecas (Sofka, 1980, p. 3).

Sendo assim, em relação à revista MuWoP, a entendemos como uma publicação que foi concebida para cumprir um papel que era considerado, pelo ICOFOM, como ainda inexistente no campo museológico de sua época. Essa função consistia em ser uma publicação que servisse como um fórum permanente e dinâmico para o intercâmbio de ideias museológicas em um âmbito internacional e de alto nível, funcionando como uma plataforma de construção de um conhecimento museológico que pudesse ser qualificado como científico. Em relação à sua posição na espiral da cultura científica (Vogt, 2003), a localizamos no primeiro quadrante, ou seja, a desempenhar aquela função fundamentalmente primária de produção e difusão da ciência, que inclui as publicações feitas por cientistas e direcionada para outros cientista da mesma área. Além disso, percebemos na revista o investimento de capital científico proveniente de seu editor, Vinos Sofka, que como um agente específico do campo museológico, foi capaz de imprimir à revista o formato e o método de trabalho que ele

considerava o mais adequado para que a revista pudesse cumprir seus objetivos epistemológicos no campo científico da Museologia.

5.2 *Icofom Study Series* (ISS)

A *ICOFOM Study Series* (ISS) é uma publicação periódica ainda em atividade, e cuja primeira edição foi lançada em julho de 1983, por ocasião de um colóquio realizado em conjunto entre o ICOFOM e outro comitê do ICOM, o Comitê Internacional para o Treinamento de Pessoal (ICTOP). As edições de ISS estavam diretamente ligadas aos simpósios do ICOFOM, que Sofka considerava como “encontros científicos” (Sofka, 1995, p. 2). A interação entre os simpósios e as publicações foi fundamental para que o Comitê pudesse cumprir seus objetivos epistemológicos no campo da Museologia:

Os simpósios anuais do ICOFOM eram o núcleo de nossa busca pela pedra fundamental da museologia. Quando as primeiras edições foram preparadas para os simpósios de Londres em 1983, ISS se tornou o modelo de trabalho para levar adiante a pesquisa em e sobre museologia (Sofka, 1995, p. 32).

Em 1988, ou seja, seis anos após a última edição de MuWoP, e mesmo com a regularidade da publicação de ISS, mantinha-se ainda a intenção de retomar a publicação da revista MuWoP, o que indica que as funções exercidas por cada uma das publicações não se sobrepunham, mas eram complementares:

Existe a séria intenção, até agora apenas parcialmente atingida ao reunir os manuscritos, de publicar em MuWoP - *Museological Working Papers* - um relatório final sobre cada simpósio organizado pelo ICOFOM. Um relatório sobre o contexto e os procedimentos, com resumos de todos os artigos básicos e comentários, e finalmente, conclusões por seção, e sobre todo o evento, será disponibilizado em inglês e francês. Aqueles mais interessados nos debates podem requisitar as preprints ISS para consultar diretamente os textos originais (Sofka, 1986, p. 9).

Portanto, havia sido planejado que deveria existir uma relação de complementariedade editorial entre as publicações MuWoP e ISS: à revista MuWoP caberia a função de oferecer uma forma editorialmente consolidada e revisada dos artigos relacionados aos temas que eram debatidos em cada simpósio anual e que haviam sido publicados como *preprints* na ISS. Sendo assim, consideramos que, no contexto da estrutura das publicações do ICOFOM na década de 1980, a publicação periódica ISS desempenhou uma função de servir como um meio de distribuição, entre os participantes dos simpósios, dos artigos que eram

enviados para esses encontros científicos anuais. Essa distribuição dos artigos entre os participantes era importante pois permitia que os simposistas pudessem não apenas apresentar seus pontos de vista prévios à realização do simpósio, mas também oferecer críticas e comentários a partir da interação entre as ideias apresentadas no evento, promovendo um desenvolvimento dos conhecimentos sobre os tópicos museológicos escolhidos para cada evento. Esse procedimento servia para evitar que os simpósios se resumissem a uma mera exposição de pontos de vista isolados sem que houvesse um posterior prosseguimento epistemológico dos temas, ou seja, era um procedimento editorial que buscava permitir a construção de um conhecimento museológico que pudesse ser qualificado como científico ao ser coletiva e internacionalmente construído com base em procedimentos metódicos realizados em encontros científicos: os simpósios anuais do ICOFOM, cuja produção era publicada nas páginas da ISS.

5.3 *Museological News*

O boletim informativo *Museological News* teve a sua primeira edição publicada em maio de 1981, e foi inicialmente proposto a ter periodicidade semestral, mas essa regularidade não foi cumprida em todos os anos. O conteúdo da publicação também sofreu alterações ao longo do tempo. Até a sétima edição, de 1985, a publicação se apresentou como inicialmente se propunha, ou seja, um boletim informativo que servia simplesmente para divulgar as atividades do ICOFOM entre seus membros. Logo no texto introdutório apresentado no primeiro número, o objetivo do boletim foi exposto por Jan Jelínek (1981, p. 1): “Uma breve seleção de informação, vindo da cúpula ou das bases da organização: esse é o objetivo de nosso boletim do Comitê, e corresponde aos seus meios modestos [...] Notícias serão dadas sobre nossos encontros, recomendações e empreendimentos [...]”.

Contudo, a partir da oitava edição, o boletim passou a apresentar não somente conteúdo informativo sobre a gestão do ICOFOM, mas também “propostas para reflexão” (ICOFOM, 1985, p. 1), que consistiam em textos que versavam, de algum modo, sobre o desenvolvimento de uma Museologia teórica e científica. Esse formato de publicação, apresentando também textos teóricos além dos meramente informativos, durou por cinco edições, da oitava à décima segunda edição de *Museological News*, entre 1985 e 1989, período no qual houve um expressivo crescimento do número de páginas da publicação, de

modo que essas cinco edições concentraram 74% do total do número de páginas das quinze primeiras edições. Esse crescimento foi seguido de uma abrupta diminuição do número de páginas a partir da décima terceira edição, quando houve uma mudança na direção editorial de *Museological News*, com a saída de Vinos Sofka e a posse de Peter van Mensch como editor da publicação.

Entendemos que, diante da impossibilidade de publicar artigos científicos na revista MuWoP, o editor Vinos Sofka aproveitou o boletim informativo *Museological News* também como um suporte para a publicação de material científico, incluindo alguns artigos que estavam esperando para serem publicados em MuWoP e que, com a descontinuidade de sua publicação, acabaram ficando represados no escritório do Conselho Editorial do ICOFOM em Estocolmo, sob a presidência de Vinos Sofka. Sendo assim, consideramos que Sofka, na posição de um importante agente do campo museológico durante a década de 1980, ao ocupar a presidência do ICOFOM e a editoração de suas publicações, foi capaz de investir seu capital científico institucional, obtido a partir da ocupação dessas posições-chave no ICOFOM, em uma operação de transformação do caráter e dos objetivos da publicação *Museological News*, transformando-a, em parte, numa revista científica que deveria, pelo menos parcialmente, suprir o vazio deixado pela descontinuidade da publicação da revista MuWoP, cuja função era precisamente publicar textos museológicos de caráter científico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho consistiu em tentar compreender o papel desempenhado pelas publicações do ICOFOM durante o processo de construção e legitimação da ideia de uma museologia teórica e científica durante a década de 1980. Consideramos que essas publicações foram responsáveis por permitir que pudesse haver, ainda antes do uso disseminado da internet, uma divulgação em âmbito internacional de trabalhos e pesquisas relacionados aos aspectos teóricos e científicos da Museologia.

Vimos que as três publicações do ICOFOM se estruturavam dentro de um projeto editorial que fazia com que elas não se sobrepusessem em suas funções, mas se complementassem para cumprir o objetivo de promover a difusão do conhecimento museológico. A revista MuWoP foi concebida para ser um fórum central de discussão de teoria museológica em nível internacional, mas esse projeto teve um fim precoce, apenas após duas

edições publicadas, embora houvesse um planejamento para edições subsequentes. A revista ISS, que costumava ter duas edições anuais, antes do simpósio servia como plataforma de divulgação dos *preprints* dos textos dos autores que participariam do evento, e após o simpósio servia também para publicar as críticas e comentários sobre os textos previamente apresentados, de modo a estimular um desenvolvimento epistemológico crítico e coletivo dos temas propostas em cada simpósio anual do ICOFOM. Por sua vez, o boletim informativo *Museological News*, complementava essa estrutura de publicações, oferecendo não apenas informações pragmáticas aos membros do Comitê, como era seu propósito inicial, mas também apresentando um conteúdo científico durante cinco de suas edições, em parte para compensar o vazio de publicação científica que havia sido criado pela interrupção da publicação de MuWoP.

Portanto, notamos que as três publicações do ICOFOM durante os anos 1980, pela centralidade de seu local de produção e pela influência que exerceu sobre os pesquisadores do campo museológico, desempenharam um papel fundamental na consolidação da Museologia como uma disciplina científica reconhecida e legitimada.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: EDUNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século Ed. 2003.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *In: Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. sér., v. 25, n. 1, p. 403-425. jan./abr. 2017.

BYNUM, William. **Uma breve história da ciência**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar**. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2008.

CARVALHO, Luciana Menezes de. Diversidades que geram unidade: a relação de um comitê internacional com os fundamentos, a disseminação e a consolidação de uma disciplina considerada científica. *In: CARVALHO, Luciana Menezes de. Do museu à museologia: constituição e consolidação de uma disciplina*, 2017. 215 f. Tese (Doutorado) - Programa de

Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2017. p. 62-102.

CUPANI, Alberto. Positivismo, “positivismo” e objetividade científica. **Reflexão**, Campinas, v. 46, p. 103-107, 1990.

HENRY, John. **A revolução científica e as origens da ciência moderna**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ICOFOM. **Museological News**: Semi annual Bulletin of ICOM International Committee for Museology. Stockholm: ICOFOM, n. 8, Sept. 1985.

JELÍNEK, Jan. Letter from the chairman. **Museological News**. n. 1, 1981.

MENDONÇA, André Luis de Oliveira; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Os acertos de Descartes: implicações para a ciência, biomedicina e saúde coletiva. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 5, maio, 2016.

MOHNSAM, Julio Cesar. **As contribuições de Arquimedes para o cálculo de áreas**. 2014. 86 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Matemática, 2014.

SIECZKOWSKI, João Batista Cichero. A tentativa do positivismo lógico de elaborar uma representação universalmente válida do conhecimento científico e a projeção sobre as ciências humanas. **Estudos Leopoldenses**. São Leopoldo, n. 147, 1996.

SOFKA, Vinos. Editorial. **Museological Working Papers**, Stockholm, n. 1, p. 3, 1980.

SOFKA, Vinos. ICOFOM: Obstinacy in publishing. **ICOFOM Study Series**, Stockholm, n. 11, p. 7-9, 1986.

SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, museology, museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. In: **ICOFOM Study Series**. Hyderabad: ICOM International Committee for Museology, 1995. v. 1.

STRÁNSKÝ, Zbynek. Predmet muzeologie [O objeto da Museologia]. In: STRÁNSKÝ, Zbynek. **Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia**. Brno: Museu da Morávia, p. 30-33, 1965.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**. 2003. Disponível em: <https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>.